

EDITORIAL

É com satisfação que apresentamos aos leitores de *Linguagem & Ensino* mais um número, com contribuições vindas de autores de uma diversidade de campos da Linguística e de universidades brasileiras.

Neste semestre, iniciamos a implantação do Sistema de Editoração Eletrônica (SEER) para agilizar todo o processo de editoração científica e permitir que os autores acompanhem os estágios de avaliação de seus artigos. Embora a fase de transição seja um tanto lenta, contamos com a compreensão dos autores e leitores que poderão usufruir das vantagens de uma revista 100% eletrônica. Manteremos a versão impressa da Revista; porém, com uma tiragem reduzida.

Quanto aos artigos deste volume, no primeiro, intitulado “A prática avaliativa em uma instituição privada de ensino de língua estrangeira”, Celso Fernando Rocha descreve as concepções e as práticas de avaliação de uma escola de idiomas, usando como suporte teórico os trabalhos de Demo (2002a, 2002b), Luckesi (2001), Romão (2001), Shohamy (2001), Hughes (1994) e Depresbiteris (1989). Para esse fim, o autor utiliza como instrumentos de coleta questionários, entrevistas, discussões em grupo e diários. O autor observa que em muitos casos os professores são “temerosos e confusos” para repensar as suas práticas de avaliação e percebem que o nível de complexidade de atividades didáticas pode ser superior ao que é exigido nas provas aplicadas. A pesquisa do autor chamou a atenção da direção da escola, que se mostrou aberta e favorável à discussão sobre a postura da escola e dos professores quanto às avaliações e também motivou os próprios professores a lerem e refletirem sobre o assunto.

Em “The impact of individual and peer planning on the oral performance of advanced learners”, Donesca Xhafaj, Kátia Muck e Raquel D’Ely reportam um estudo comparando o desempenho oral em língua estrangeira de 16 aprendizes cursando o sétimo semestre de um curso de Letras-Inglês. Os informantes foram divididos em dois grupos para executar uma tarefa monológica: um grupo teve tempo para fazer

planejamento individual e o outro, em pares. O desempenho dos aprendizes foi analisado em termos de fluência, acurácia e complexidade. Não houve diferenças significativas entre os grupos quanto às variáveis testadas; porém, o tempo de produção oral dos informantes que fizeram planejamento individual foi significativamente maior que os que planejaram em grupo. Quanto a aspectos qualitativos da pesquisa, através de um questionário aplicado após as atividades, as pesquisadoras observaram que os informantes se engajaram com processos de organização e formulação da mensagem, considerando benéficas as condições de planejamento, tanto as individuais, como as colaborativas.

No artigo intitulado “O falante nativo de inglês *versus* o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês”, Carla Janaina Figueredo propõe uma reflexão sobre algumas representações em torno do falante nativo de inglês e do falante não-nativo para que se compreendam as práticas discursivas de um professor de inglês e de seus alunos. A autora realizou uma pesquisa etnográfica com alunos do curso *Oral/Written Communication in English*, oferecido como curso de extensão a alunos de Letras e a professores da rede pública de ensino. A análise das transcrições das interações entre o professor e os alunos mostram que três aprendizes se revelaram conscientes de sua legitimidade como falantes de inglês. Contudo, a fala de uma das alunas observadas apresenta evidências da percepção de que o falante nativo de inglês é superior ao não-nativo. A autora conclui que as práticas discursivas de professores e alunos sugerem a urgência da problematização dessa dicotomia no contexto da sala de aula de inglês como L2/LE.

Daniela Aparecida Vendramini-Zanella e Fernanda Coelho Liberali discorrem sobre a atividade criativa em contextos de formação de alunos-educadores no artigo “Brincar no hospital: uma produção criativa na formação de alunos-educadores”. A partir da Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (Leontiev, 1977; Vygotsky, 1930, 1934) e da pesquisa crítica de colaboração (Magalhães, 2009), as autoras discutem o projeto de extensão Tempo de Aprender, da UNISO, vinculado

ao Projeto Aprender Brincando, da PUC-SP. As autoras analisam um evento que ocorre no corredor de um hospital infantil com a proposta de ensinar, por meio da brincadeira, situações em que as crianças transcendam suas possibilidades imediatas. A análise focaliza aspectos enunciativo-discursivo-linguísticos das crianças, permitindo constatar que o aluno-educador e as crianças, a despeito das limitações do contexto, produziram criativamente.

No artigo “Reescrita textual: um estudo das operações linguísticas em textos de professores em formação”, Rute Izabel Simões Conceição apresenta os resultados de um estudo comparativo das operações linguísticas realizadas na primeira versão e na reescrita de relatórios de estágio de alunos do último ano do Curso de Letras, habilitação Português/Literatura de uma universidade federal. A autora apura a existência de conflitos entre embasamento teórico e capacidade de reflexão sobre a prática de sala de aula à luz da filosofia da práxis (Vázques, 1977).

O artigo intitulado “O português não-padrão em livros didáticos: posições discursivas”, de autoria de Maria Inês Pagliarini Cox e Sonia Renata Rodrigues, apresenta resultados de uma pesquisa de arquivo que investigou os gestos de interpretação de dois livros didáticos de Língua Portuguesa destinados ao Ensino Médio no que concerne a usos linguísticos que não os da norma-padrão. Os dados, coletados através de recortes de enunciados presentes nos livros didáticos, foram analisados a partir da Análise de Discurso francesa, sob a perspectiva de Dominique Maingueneau.

Cristina dos Santos Lovato, em “Análise Crítica de Gênero: organização retórica de notícias de popularização científica na revista Ciência Hoje On-line”, identifica e interpreta a organização retórica de notícias de popularização científica, oferecendo uma descrição dessa organização e uma interpretação por meio de um levantamento de aspectos relacionados aos contextos de distribuição e de produção das notícias. Os resultados indicam uma organização retórica em cinco movimentos, com dois elementos recursivos ao longo do texto. A autora observa que a contextualização da pesquisa publicada não

é considerada obrigatória pela revista. As análises mostram o caráter meramente comunicativo das notícias analisadas, uma vez que não há referência a outros estudos, sendo a voz do pesquisador exclusiva para comentar a pesquisa, revelando que, nesses casos, prevalece a visão dominante da ciência (Hilgartner, 1990).

As “Manifestações de compreensão responsiva em avaliação de leitura” são discutidas por Cristiane Malinoski Pianaro Angelo e Renilson José Menegassi, que apresentam e comentam as formas de compreensão leitora encontradas em respostas a perguntas de avaliação de leitura de alunos de 5ª série do Ensino Fundamental. Ao analisar teoricamente as respostas dos alunos, os autores observaram quatro formas de expressão de compreensão: 1) reprodutivas, 2) em processo de construção autônoma, 3) não-expansivas e 4) criativas. As análises permitem entender como os alunos se manifestam no discurso escrito quando lhes são apresentadas perguntas que exigem respostas em forma de contrapalavra, sendo a mera repetição de trechos do texto a forma mais recorrente em suas respostas.

Partindo da teoria da complexidade, da abordagem ecológica e do conceito de comunidade de prática, Roberval Araújo de Oliveira discorre, no artigo “Complexidade e qualidade na educação linguística”, sobre o que configura qualidade no âmbito da educação linguística. A base de discussão do artigo é uma narrativa de aprendizagem e formação de um professor de ILE. A partir da narrativa, o autor examina como os conceitos da complexidade, da ecologia do desenvolvimento humano e dos sistemas sociais de aprendizagem podem circunscrever uma melhor compreensão do que se poderia definir como a qualidade a ser almejada na educação linguística. O autor conclui com considerações acerca dos desafios e contribuições que a incorporação da noção de qualidade esboçada pode trazer para as disciplinas da linguagem e para a educação linguística.

Este número encerra com o ensaio “(Meta)Linguagem”, no qual Onici Claro Flôres problematiza o conceito de metalinguagem, fazendo a revisão de algumas das concepções

sobre esse termo, bem como sobre as implicações quanto às relações entre metalinguagem e linguagem. Para isso, a autora utiliza o recorte teórico proposto por Dascal e Weizman (1987) e Dascal (2006), que situam a metalinguagem no contexto, e as considerações de Morato (2010, 2008, 2005), que amplia o escopo do conceito, afastando-se do formalismo clássico e de sua concepção de verdade e referência.

Diante de tamanha variedade de temáticas e tipos de pesquisa, abrimos este número desejando a todos uma proveitosa leitura!

Junho de 2011
Márcia C. Zimmer
Andréia Rauber
Editoras